

# Dilma Rousseff e Portugal: a continuidade de uma relação cordial, mas distante

PAULO GORJÃO

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)

Dilma Rousseff obteve 51% dos votos na segunda volta das eleições, contra 48% de Aécio Neves, deste modo garantindo um segundo mandato como Presidente do Brasil. Não era este seguramente o resultado mais desejado em Portugal. No seu primeiro mandato, entre 2011 e 2014, Dilma nunca escondeu o seu pouco interesse em cultivar e aprofundar as relações bilaterais entre Brasília e Lisboa. Em quatro anos, Dilma fez apenas uma curta visita a Portugal em Março de 2011. Pior do que isso, numa deselegância diplomática evidente, em Janeiro de 2014 Dilma fez escala em Lisboa, por poucas horas e sem aviso prévio, no seu regresso da Suíça a caminho de Cuba. O desinteresse de Dilma por Portugal estende-se igualmente à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Dilma não esteve presente tanto na cimeira de Chefes de Estado e de Governo de Maputo, em 2012, como na de Díli este ano.

Na prática, Dilma adopta como sua a visão dominante junto de certos sectores tradicionais do Itamaraty, que nunca consideraram relevante procurar valorizar as relações bilaterais com Portugal, ou com a CPLP a nível multilateral. Nessa perspectiva, esse não é o campeonato de um Brasil que aspira a um lugar permanente no Conselho de Segurança da ONU e que integra os BRICS—Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Um Brasil que tem em José Graziano da Silva e Roberto Azevedo directores-gerais da FAO e da OMC, respectivamente. À luz desta visão filha

da *realpolitik*, pelo que se entende ser um escasso retorno, as relações com Portugal e com a CPLP não justificam grande empenho diplomático.

Assim, a não ser que ocorra algo que, neste momento, é totalmente imprevisível, o passado recente revela que nos próximos quatro anos as relações bilaterais entre o Brasil e Portugal continuarão a ser marcadas por uma cordialidade distante. Tanto quanto é possível antecipar, nada parece apontar para uma inversão desta tendência. É certo que o Estado com menos recursos de poder, numa relação assimétrica como a que existe entre Brasília e Lisboa, é sempre aquele que mais tem de fazer para manter o interesse diplomático do Estado mais forte. Mais ainda quando tem sido explicitamente assumido, nas últimas décadas, que as relações com os países de língua portuguesa constituem um pilar central da política externa portuguesa.

Infelizmente, também do lado português, estão longe de estar reunidas as condições para um forte investimento na relação bilateral. Concentrado quase que exclusivamente nos seus problemas económicos e financeiros, há que reconhecer que a partir de 2011 a política externa não tem sido a prioridade das prioridades do actual Governo. Se a conjuntura interna por si já não ajuda, o pouco interesse pessoal do primeiro-ministro nestas matérias torna tudo ainda mais difícil. Nessa medida, mesmo reconhecendo que Portugal tem todo o interesse em reagir



politicamente à pouca atenção diplomática de Brasília, a verdade é que não parece crível que, no curto prazo, tal venha a acontecer.

Isto dito, se no plano político a reeleição de Dilma impõe a continuidade de uma relação cordial, mas distante, no plano económico tudo parece caminhar no mesmo sentido, de certo modo numa lógica que se reforça mutuamente. Assim, entre 2009 e 2013, o Brasil passou de 11º a 10º cliente de Portugal, representando as vendas para este mercado 1,6% do total exportado em 2013. Acresce que, no ano passado, o Brasil foi o terceiro maior mercado de destino das exportações portuguesas fora do espaço da União Europeia (o 4º cliente foi Angola e o 6º os EUA). Porém, talvez para perceber um pouco melhor o desinteresse de Dilma em Portugal, importa notar que, no contexto do comércio externo brasileiro, Portugal ocupa o 40º lugar enquanto fornecedor, representando apenas 0,5% do total importado, e o 46º lugar como cliente, i.e. 0,4% do total das exportações do Brasil.<sup>1</sup>

Como se constata, é certo que, no plano económico, as relações bilaterais vivem um bom ciclo, mas a sua relevância é assimétrica. Uma vez mais, a relação económica entre os dois países, tal como a política, é muito mais relevante para Portugal do que para o Brasil. Consequentemente, também neste capítulo, nada parece apontar para uma alteração de agulha neste segundo mandato de Dilma.

Poderia ser diferente com Aécio Neves?

Nunca se saberá. No mínimo, além do *reset* que a sua eleição introduziria, Aécio disse aquilo que Lisboa desejava ouvir, i.e. que Portugal merecia muita atenção.<sup>2</sup> Consideração que não faltou num passado não muito distante. Em Portugal olha-se com alguma nostalgia para os dois mandatos presidenciais de Lula da Silva. Ao contrário de Dilma, seguramente indo contra vozes influentes no Itamaraty, Lula cultivou sempre a relação com Portugal e com a CPLP. Não por acaso, a visita de Dilma a Portugal, em 2011, coincidiu com a atribuição a Lula do título de doutor *honoris causa* da Universidade de Coimbra. Lula que, importa lembrar, tanto a nível oficial, entre 2003 e 2010, como posteriormente a título privado, tem sido visita frequente de Portugal.

1 Adicionalmente, importa notar que: "Como fornecedor de Portugal o Brasil ocupa a 12ª posição, representando 1,5% do total importado em 2013, sendo o quinto maior fornecedor fora da UE28 (6º fornecedor Angola, 9º a China, 10º a Rússia e 11º os EUA). (...) É de salientar que, no espaço da União Europeia, são importantes fornecedores do Brasil, a Alemanha (4º maior fornecedor em 2013), a Itália (8º), a França (9º), a Espanha (12º), o Reino Unido (15º) e a Suíça (19º)". Ver "Brasil - Ficha de Mercado" [AICEP, Maio de 2014], p. 13.

2 Ricardo Rego, "Aécio Neves: 'Portugal merece muita atenção'" [Sol, 24 de Outubro de 2014], p. 48.

EDITOR | Paulo Gorjão

EDITOR ASSISTENTE | Gustavo Plácido dos Santos

DESIGN | Atelier Teresa Cardoso Bastos

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)  
Rua da Junqueira, 188 - 1349-001 Lisboa  
PORTUGAL

<http://www.ipris.org>  
email: [ipris@ipris.org](mailto:ipris@ipris.org)

IPRIS Comentário é uma publicação do IPRIS.

As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as opiniões do IPRIS.

Gold Sponsor



Silver Sponsor



Parceiros



Mecenas

